

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2005 - ANO IX - Nº 107

Reprodução

EDITORIAL

Chegamos a mais um final de ano. A principal tradução do espírito de Ano Novo é o renascimento da esperança. Sentimos que uma nova fase se inicia em nossas vidas e, invariavelmente, nossa vontade é de que o próximo ano seja promissor. É época de sonhar e acreditar que o futuro será melhor. Fazendo uma retrospectiva de 2005, constatamos que um dos principais entraves para o crescimento e desenvolvimento do país, e, conseqüentemente, para a geração de empregos e renda para o brasileiro, foi a corrupção. No Brasil, ela é presença constante no seio da sociedade. É endêmica. Assistimos, nos últimos meses, a uma sucessão de escândalos que expuseram partidos políticos e parlamentares se beneficiando, de maneira aviltante, do poder.

O ano que termina não foi dos melhores na esfera política. As sucessivas denúncias de corrupção e a distribuição de recursos ilícitos a partidos e parlamentares expuseram a fragilidade do modelo político adotado em nosso país. Essa situação leva ao desânimo e ao descrédito. No entanto, percebe-se uma reação da sociedade, que, cada vez mais consciente, acompanha a vergonhosa atuação do parlamento brasileiro. Apesar das diversas CPI's instaladas para investigar a corrupção, seus resultados têm ficado aquém do esperado. A população exige a punição exemplar dos corruptos, a moralização do Congresso Nacional e uma reforma política. Sonha com o aprimoramento da democracia – processo lento e contínuo, que requer de toda a sociedade participação e fiscalização.

Debates sobre o resgate da ética e da moral devem ser estimulados. É necessário cobrar compromisso e responsabilidade de todos, principalmente dos que ocupam cargos eletivos. Que neste final de ano, sob as luzes do Natal, renovemos esperanças de que o Ano Novo venha ser melhor. E ele o será se assumirmos a mensagem de Cristo e, sob sua inspiração, abriremos nossa compreensão para o amor fraterno, o aprimoramento social, a prática da cidadania e o efetivo empenho na erradicação da corrupção.



“Que neste Natal, a solidariedade e a partilha sejam o melhor presente. E que cresça nossa responsabilidade na luta contra as desigualdades sociais e o egoísmo. Feliz Natal! Paz para todos!”

Feliz Natal! Paz para todos!

Há cerca de 2000 anos, em Belém, na Palestina, nasceu um menino pobre de nome Jesus: nós O celebramos, anualmente, na festa do Natal. Quando de seu nascimento, os anjos anunciaram que a glória do altíssimo Deus estava se manifestando entre os homens trazendo-lhes paz.

Esse menino Deus, o Príncipe da Paz, veio para conclamar todas as pessoas “de boa vontade” a aderir ao seu reino de amor e justiça. Sua mensagem, sempre atual, renova-se em cada coração, mais uma vez, neste Natal. Esta data está enraizada na vida do mundo cristão. É tempo de interiorização. Ninguém fica indiferente às tradições e às interrogações do Natal. Esse período é propício à reflexão e ao reforço dos mais caros valores morais e espirituais indispensáveis à felicidade.

De grande importância simbólica, o Natal é festa da família, de amizade, de confraternização e paz. Comemorado em todo o mundo, é rico em tradições e simbolismo. Todos trazem na memória a cena do primeiro presépio, conforme o relato dos evangelistas Mateus e Lucas.

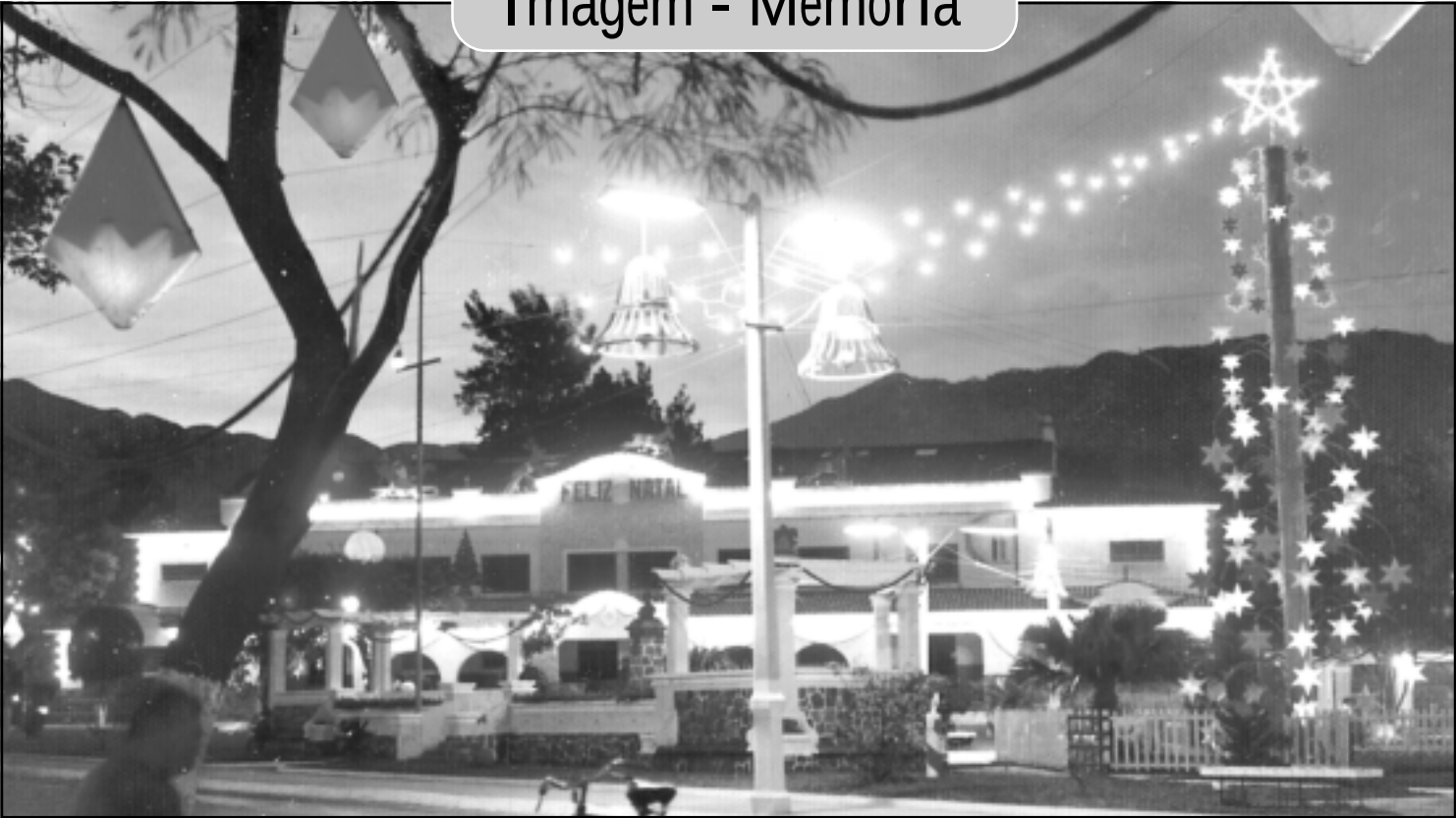
O verdadeiro sentido do Natal é a comemoração do aniversário do Menino da manjedoura, que optou pela pobreza, pois, “sendo rico, por nós se fez pobre” (São Paulo), e, como mensageiro da paz, dizia:

“Bem aventurados os pacíficos”, acolhendo a todos que o procuravam, ensinando-lhes o perdão, a partilha e a paz.

No mundo conturbado em que vivemos, marcado por conflitos, ameaças à vida, violência e desrespeito à dignidade das pessoas, a mensagem do Natal deve ser recebida, vivida e introjetada. E é na família, no lugar de trabalho, na Igreja e em toda a sociedade que ela deve ser estimulada e continuamente trabalhada. O processo de construção de uma cultura de paz passa pelo reconhecimento dos direitos de todos, pela defesa dos mais fracos e oprimidos, pela supressão da fome e da miséria, por justa distribuição de renda, pela honesta administração dos bens públicos e da justiça e pela integridade do meio ambiente.

Que neste Natal, a solidariedade e a partilha sejam o melhor presente. E que cresça nossa responsabilidade na luta contra as desigualdades sociais e o egoísmo. Importante manter a esperança da construção de uma sociedade fraterna. O nascimento de Cristo é uma boa notícia para todos os que amam e preservam a paz. Necessárias ações positivas e construtivas que levem à renúncia de todas as formas de violência e atitudes de respeito à pessoa e de valorização da vida. Feliz Natal! Paz para todos.

Imagem - Memória



“Os natais piquetenses atraíam pessoas de diversas cidades da região. (...) O bom gosto dos enfeites e o trabalho incansável de desenhistas, marceneiros, pintores e vários outros profissionais tornavam os natais piquetenses verdadeiros lugares de sonho.”

Os Natais de sonho de Piquete

Dezembro é um mês mágico. Todos aguardam ansiosos sua chegada e, conseqüentemente, o Natal. As semanas que antecedem essa data são cheias de preparativos. Há alegria no ar. Tanto as crianças quanto os adultos vivem uma expectativa contagiante para as comemorações da data máxima da cristandade.

Natal é festa religiosa. É época de reunir a família, de estreitar laços de amizade, de confraternização e de bons propósitos. Apesar do consumismo cada vez maior de nossa sociedade, o espírito de Natal tem sobrevivido há dois mil anos – é dotado de grandes resistência, fazendo-se presente no coração dos homens. É impossível ficar alheio às festas natalinas e às mensagens do Menino da manjedoura.

Quem pensa que o Natal é comemorado da mesma maneira, em todo o mundo, se engana. Influenciado pelos costumes, clima e tradições religiosas, cada país tem um jeito próprio de celebrar essa data. A origem de muitas tradições, como os presépios, sinos, árvores enfeitadas, estrela-guia, guirlandas, troca de presentes e luzes perde-se no tempo. O Natal é rico em sons, cores e aromas. Há uma culinária típica em cada região. A figura do Papai Noel, que se popularizou a partir da década de 40, é presença marcante nos natais de hoje, quando ruas, parques e avenidas ganham cores e luzes diferenciadas e tornam-se atrações. Com novas tecnologias, as decorações natalinas ficaram mais bonitas

e sofisticadas, de maneira que muitas cidades tornam-se atrativo para turistas.

Nas décadas de 60 e 70, Piquete inovou a decoração natalina de áreas públicas. Não havia na região cidade que se igualasse ao bom gosto dos enfeites que ornamentavam a Praça Duque de Caxias e suas adjacências.

Até os anos 40, o Natal dos piquetenses era comemorado apenas nas casas e igrejas. Na Matriz de São Miguel, além do tradicional presépio, acontecia a Missa do Galo e a encenação de cenas da Natividade. No dia de Natal, havia distribuição de brinquedos às crianças do Catecismo e corte de tecidos e alimentos aos assistidos pelos vicentinos. Nas casas, a decoração era discreta – um pinheiro com poucos enfeites e presépios, que eram visitados por Folias-de-Reis. A Fábrica Presidente Vargas distribuía presentes para os filhos dos operários. Nos anos 60, a distribuição passou a ser feita no Jardim de Infância, que era todo ornamentado para a ocasião. Isso levava as crianças a passar o ano sonhando com esse dia.

Em 1965, por iniciativa do General Adhemar Pinto, então diretor da FPV, foi organizada, na Praça Duque de Caxias, uma grande festa, que se tornou referência. Foram construídas barracas para a distribuição de sanduíches e refrigerantes e instalado grande parque de diversão, atrás do Cine Estrela, onde aconteciam sessões corridas de desenhos animados. Um trenzinho construído pela FPV circulava, repleto de

crianças, pelas ruas da cidade badalando seu sino para chamar a atenção dos moradores. Além disso tudo, não podia faltar o Papai Noel, que participava de toda a festa distribuindo balas e posando para fotos. Com o sucesso dessa experiência, os natais seguintes passaram a seguir o modelo de 1965, sempre com o apoio da administração da FPV. Os natais piquetenses atraíam pessoas de diversas cidades da região. De Lorena chegavam, pelo “Piquetense”, vagões lotados de operários e familiares que vinham para a festa. O bom gosto dos enfeites e o trabalho incansável de desenhistas, marceneiros, pintores e vários outros profissionais tornavam os natais piquetenses verdadeiros lugares de sonho.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

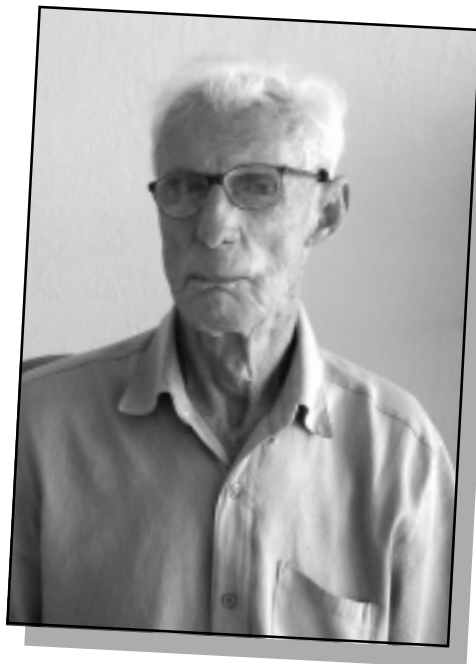
GENTE DA CIDADE

Luiz Vilela

Por muito tempo, o filho de João Henrique Vilela e Zulmira Monteiro Vilela foi o responsável pela pontualidade do relógio da antiga Matriz de São Miguel. Conhece a engrenagem daquela máquina como poucos, de maneira que, de sua casa, acompanha a marcação das horas e os suspiros do relógio. Gosta de ressaltar que o relógio bate não apenas as horas exatas, mas também as “meias-horas”.

Nascido em Andradás, MG, a 4 de abril de 1924, Luiz Monteiro Vilela, aos 12 anos, mudou-se com a família para Santa Rita do Sapucaí, onde trabalhou na lavoura até os 20 anos de idade, quando se alistou no 1º Batalhão de Pontoneiros, em Itajubá. No quartel, tornou-se armeiro, passando a ensinar esse ofício. Orgulha-se de “montar e desmontar qualquer arma e de ter a paciência necessária para esse trabalho, experiência que transfere para o conserto de relógios desde os de pulso até carrilhões.”

Em 1947, após ter deixado o quartel, veio trabalhar na Fábrica Presidente Vargas. Trabalhou por pouco tempo como foguista no ramal férreo. Após freqüentar, em Cachoeira Paulista, o curso para maquinista, passou a conduzir a locomotiva 537. Trabalhou no trecho do ramal administrado pelo Exército, isto é, da Estação Rodrigues Alves até a FPV, até sua aposentadoria em 1969. Esse período é rico em recordações: eram sete vagões de operários transportados diariamente. Histórias alegres, tristes e pitorescas são lembradas. Sua folha funcional é rica em elogios. Tem para ele significativa importância o fato ocorrido em 1960, quando o então Ministro da Guerra, gen. Leônidas Silva, esteve em Piquete para visitar a Fábrica. Foi disponibilizado um vagão de luxo para as autoridades. Pouco antes do retorno das autoridades ao Rio de Janeiro, Luiz Vilela detectou uma avaria na locomotiva. Comunicou, de imediato, aos visitantes, o ocorrido e providenciou, junto



à FPV, meios de transportá-los até Lorena. O ministro fez questão de, pessoalmente, cumprimentá-lo pela perícia, com uma anotação que constou do boletim da Fábrica: “homem de grande valia para a repartição.”

Paralelo à vida profissional de maquinista, seu Luiz Vilela dedicou-se a obras da Igreja Católica. É, há mais de 50 anos, Congregado Mariano. Em 6 de março de 1949, tornou-se Vicentino, e vem participando ativamente da Confraria de Santa Teresinha do Menino Jesus. Luiz Vilela recorda-se de inúmeros trabalhos na paróquia de São Miguel e de sua convivência com os vigários desde o padre Juca, além de diversos leigos que “sustentaram” a Igreja nesse período. Cita: Zequinha Meireles, José de Souza, profa. Leonor Guimarães, Mariquinha de Castro Ferreira, João Ramos, entre outros. Foi Ministro da Eucaristia por oito anos, tendo-se afastado da maioria das funções devido a problemas de saúde.

Por volta de 1960, substituindo o sr. Zequinha Meireles, passou a cuidar do antigo relógio da Matriz, rico em histórias. Atualmente, o responsável pelo relógio é o sr. Carlito Moreira.

Casado desde 16 de fevereiro de 1950 com Maria de Almeida Costa Vilela, tem um filho, três netos e uma bisneta.

Neste período de Natal, quando toda a sociedade é tomada por espírito fraterno, Luiz Vilela mantém suas atividades de Vicentino. Como há 56 anos, em 17 de dezembro entregou 186 unidades, entre mantimentos e roupas, que arrecada mensalmente, à Vila Vicentina. Para ele, todo dia é Natal.

A pipa do Natal



Véspera de Natal. Dia de preparação. Enriquecido de sol quente de verão pleno e ventos favoráveis. Nuvens no céu enoveladas como rebanhos de carneiros reunidos em pastoreio. Nuvens pesadas, em blocos, já sem muito movimento. Pesando, para anunciar não poucas chuvas. Cúmulus-nimbis, portanto.

Pipas em ação. Nos morros, nos vales, nos descampados e mesmo nas praças e ruas. Porque, afinal, pipas se movimentam. Os ventos as levam. E os pipeiros as acompanham. Mas as pipas, ao sabor dos caprichos eólicos, vão até onde não devem. Enroscam-se.

E aí, é um deus-nos-acuda! A aflição do pipeiro-proprietário e séquito acompanhante entra em crise. Gritos. Apelos. Conselhos. Atribuições. Xingamentos. Lamúrias. A pipa – obstáculo a ser vencido. Desafio, mas também presa, galardão a ser conquistado. Lá permanece a pipa. Enganchada entre uma mangueira e uma bananeira alta. Em quintal alheio. A cauda, cheia de tiras, enroscadíssima; e a pipa lá, linda, novinha, bem elaborada: cruz violeta em campo amarelo. Papel de seda brilhante ao sol. Sustentada de varetas de bambu, no arranjo artístico do desenho. Oscila um pouco. Mas está presa, e bem presa. Meninos desesperados a subir no muro do quintal. Alguns deles já rapagões. Os cachorros latindo nervosos. Invasão de propriedade à vista.

Precisava ser tomada uma atitude. Solicitada, a dona da casa, entrada em anos, comparece. Sem condições de alcançar a pipa. Os meninos, no muro, agitados, atirando tudo o que podiam: pedras e frutas verdes para tentar mobilizar a pipa presa. – “Desce daí, menino”. “Se não descer, a polícia será chamada”. “Não atire pedras. Quebra a telha”. E os meninos no muro, parecendo irredutíveis.

Lá foi a dona da casa à busca de um bambu longo, sustentáculo do varal de secar roupas. O bambu, entretanto, mal conseguia chegar à pipa. Tocava-a, mas ela estava bem presa. As linhas emaranhadas nas folhas de árvore e a cauda entrelaçada aos pequenos galhos. A cruz violeta da pipa sobressaindo no verde da folhagem. Cutucada pelo bambu, a pipa adernava, balançava, mas não caía. A mulher com o bambu não conseguia grandes efeitos por seu esforço; desafio a exigir superação aumentado pela tensão sob o sol escaldante, a alta temperatura e a tontura de uma possível vertigem.

E a pipa, lá em cima, desafiante, presa. Atingida pela ponta do bambu, rompeu-se, rasgou-se, virou frangalhos. Lá ficou, estropiada, batalha perdida. A mulher, condóida, chamou o proprietário da pipa e, como compensação, deu-lhe o dinheiro equivalente para a compra de uma nova. Afinal, a data natalina invocava compaixão. Mas, com uma condição que, com certeza, não seria cumprida: a de não ter a linha encerada com cerol, como a da que ficara irredutivelmente presa. Talvez esse seja uma forma de ser Natal.

Dóli de Castro Ferreira

Luiz Vilela na locomotiva 537 que conduziu, durante anos, da Estação Rodrigues Alves à FPV.



Fotos arquivo Pro-Memória

ANOTANDO

A Consciência Negra

Por que romper o pacto do silêncio?

Entre as efemérides de novembro, a do dia 20 sobressai-se pelo discurso ensejado pelo racismo.

A data de 20 de novembro é registrada no calendário brasileiro de eventos como a que referencia a invocação da Consciência Negra. O que se pretende com essa referência, que se remete a Zumbi, o líder do movimento de Palmares e dos quilombolas, é discutir questões de racismo e sua pertinência.

O que estou considerando é a importância que teve um movimento rebelde no século 17, centrado em um quilombo – local de concentração de negros fugidos do cativeiro e que representou importante capítulo da história pátria como a escravidão, repressão, rebeldia e controle. E, portanto, a liderança de Zumbi como protagonista elevado à categoria heróica nas lutas pela liberdade para o segmento negro da sociedade. Segmento nunca numericamente desprezível. Pelo contrário, o contingente afro-descendente é, no Brasil, altamente representativo, predominante até em vários núcleos das comunidades regionais. Mas o Brasil oficial sempre “escondeu” os negros e os mulatos e fez com que eles próprios ignorassem suas origens e raízes em benefício de uma generalizada política de ocultamento. Em nome, muitas vezes, de uma “cordialidade” que buscava e busca aproximar brancos e negros em convivências, nas quais o preconceito sempre jaz disfarçado. Os relatos judiciais nos processos das delegacias e dos fóruns deixa entrever como o ocultamento se revelava com evidência no jogo dos interesses.

Lembrar disso em nossa comunidade é importante pelo relevante número de descendentes étnicos dos escravos que aqui viveram desde as buscas da mineração à produção do café, e depois da abolição, ao serviço industrial.

As discussões sobre racismo acendem-se na medida em que buscamos conhecer a história da escravidão e, portanto, de sua área continental de origem. Reconhecidas as muitas diferenças dos habitantes da África e suas manifestações culturais, podemos nos instrumentalizar na tentativa de entender comportamentos e tradições. Um capítulo complexo a ser estudado. Por exemplo, lá havia práticas de escravismo. Aqui no Vale do Paraíba escravista, o preconceito racial é renitente, disfarçado em cordialidade dos dois lados: o branco, mesmo o pobre, julgando-se superior; e o negro, tutelado, imitando o branco, dele se aproximando com reserva e costureira

subserviência. Relações guardadas nas proposições do espaço físico das casas, (relações entre cozinha e sala) e das reuniões sociais, onde os espaços se dividem por sutis cordões imaginários: “Cada macaco no seu galho”. Quem não conhece o adágio popular? Ou o do jacu e inhambu?

Resistências há. O esporte, o Carnaval, a música e a dança são as formas mais celebradas. As outras, marginais, são excludentes e reforçam os estereótipos. Só



de serem lembradas, já revelam as referências estereotipadas. Todos as têm em seus imaginários.

Não é sem motivos, portanto, lembrar as diferenças do tratamento aos negros nas sociedades coloniais. Quando o preconceito racial se institucionaliza, como ocorrera naquelas sociedades, parece favorecer mais do que ser mantido com disfarces. Por isso, nos Estados Unidos, onde uma política de discriminação racial sempre existiu, o movimento de integração pluralista ganhou fortes reflexos e modelou novas discussões. Dois acontecimentos históricos serviram de base.

1º - No dia 1º de dezembro de 1955, na cidade de Montgomery, no Alabama (EUA), Rosa Parks, uma mulher negra de 42 anos negou-se a ceder o lugar onde se assentara em um ônibus a um branco, como era estabelecido na época. Por isso, foi presa. Lá, segundo a lei de Segregação Racial, nos transportes coletivos, os negros (dois terços dos usuários dos transportes públicos) tinham de comprar o bilhete do condutor, sair do veículo e voltar a entrar pela porta

de trás, depois de os brancos estarem instalados. Negando-se a assim proceder, a costureira foi presa, mas colocou em causa a discussão da constitucionalidade das leis segregacionistas. Explodiu, em caráter nacional, o movimento dos negros pelos direitos cívicos, políticos e sociais. O movimento expandiu-se e teve por consequência uma reformulação de propostas voltadas à idéia de inclusão e pluralidade. A idéia expandiu-se e as manifestações são variadas, mas explicitamente expostas. A recente morte de Rosa Parks fez reavivar a questão da coexistência na diferença.

2º - A destruição de New Orleans e adjacências pelo furacão Katrina (setembro/05) deixou a descoberto uma América predominantemente negra excluída, que expôs uma velha chaga não cicatrizada – aquela que cindiu a prometida grande nação do século 19 em sangrenta Guerra Civil. A mesma que teve na escravidão um de seus principais motivadores. Na França, recentemente, por exemplo, um espelho contundente reflete imagens distorcidas do dilema racial. Imagens que nos propõem a meditação sobre a desigualdade vista sob a forma mais agressiva, aquela que excede o controle. A juventude marginalizada expõe sua fragilidade. Mas toda fragilidade se potencializa em ruptura. Na França, essa ruptura registrou-se com violências. Um espelho para refletir-nos como nação imaginada.

Zumbi na História Brasileira

Zumbi, líder do quilombo dos Palmares, considerava que o mais importante não era viver livre, mas libertar todos os negros ainda escravos. A data de 20 de novembro rememora o dia em que, em 1695, Zumbi, traído por um dos principais comandantes de Palmares, Antônio Soares, foi torturado e decapitado. Sua cabeça foi exposta na Praça do Carmo, em Recife/PE.

Palmares, reduto da resistência negra, constituiu um quilombo na serra da Barriga, em Alagoas, fundado em 1597. Durou quase cem anos. Chegou a compor-se como uma aglomeração volumosa de população. Cita-se a possibilidade de ter contado com dez mil habitantes. Originou-se de um primeiro grupo de escravos fugidos de um engenho em terras do hoje Estado de Pernambuco. O reforço da resistência teve, depois, em Zumbi, a representação da liderança. Daí o castigo imposto e, por este, a memória heróica, cuja imagem pode ser refletida em variada significação.

Dóli de Castro Ferreira

“Porém esta mesma liberdade assim considerada seria a total destruição do Brasil, porque conhecendo os demais negros que por este meio tinham conseguido o ficar livres, cada cidade, cada vila, cada lugar, cada engenho, seriam logo outros tantos Palmares, fugindo e passando-se aos matos com todo o seu cabedal, que não é outro mais que o próprio corpo”

(Padre Antônio Vieira, em “Carta a Roque Monteiro Paim, de 2 de julho de 1691”)

Folia de Reis

Em várias culturas no mundo todo, a inclusão da dança nas celebrações religiosas era uma forma normal de prestar culto à divindade: a Bíblia nos diz que Davi dançava diante da Arca da Aliança; em Portugal, a folia era uma dança típica realizada ao som de pandeiro ou adufe, com várias pessoas cantando. A denominação das diferentes modalidades de folia se prende a os símbolos e motivos devocionais que distinguem os vários grupos, surgindo assim, por exemplo, a Folia de Reis e a Folia do Divino...

A Folia de Reis é um auto, uma dramatização bastante complexa, com um cortejo dançante que tem como característica a história dos magos, tidos como reis do oriente. Começa na noite do dia 24 de dezembro e perdura até o dia 6 de janeiro, ou mesmo até o dia 2 de fevereiro, festa de Nossa Senhora das Candeias (Candelária) ou das Luzes. O conteúdo básico da folia consiste na louvação ao Menino Deus e na representação dos magos que, guiados por uma misteriosa estrela, viajaram para Belém e com alegria chegaram até Jesus e a ele prestaram homenagem. Incluem-se, também, algumas figuras relacionadas a Herodes, que mentiu aos magos e quis matar o menino Jesus.

A Folia de Reis tem estrutura variável. Pode ser mais simples, com apenas tocadores e bandeireiro, até as mais complexas e numerosas, com um conjunto instrumental (sanfona, violão, violas, cavaquinhos, chocalhos, pandeiros, triângulos, bumbos, caixas e taróis) e palhaços. Vestidos de largas roupas de

chitão colorido, com acrobacias, danças, declamações e brincadeiras, atraem numerosa assistência que, no final, os ajuda com pequenos donativos. A presença dos palhaços na folia tem várias interpretações. Entre elas, seria uma representação dos soldados que, a mando de Herodes, disfarçavam-se e, imitando palhaços, seguiam os magos, com a finalidade de



descobrir onde se encontrava o novo Senhor do Mundo. Esses disfarces serviam, também, para conquistar crianças e, assim, matá-las mais facilmente. Podem significar, ainda, no enredo da Folia, palhaços verdadeiros, que cuidavam de distrair os perseguidores de Jesus e desviá-los do crime. Há uma possibilidade de esses palhaços serem os próprios demônios empenhados no extermínio das crianças. E uma outra, enfim, seriam os próprios Reis Magos disfarçados para se esquivarem de Herodes, depois de terem encontrado Jesus em Belém.

O esquema ou programa da folia de reis é, normalmente, o seguinte: cantoria inicial de saudação aos que recebem a folia; louvação ao Menino Deus com encenações dos reis, palhaços, etc.; agradecimento e despedida. Os foliões são bem recebidos, pois, segundo a tradição, quem acolhe os reis visitantes é abençoado. Além de esmolas, destinadas a juntar fundos para as comemorações da festa dos Reis, os foliões são agraciados, após a apresentação, com comidas e bebidas oferecidas pelos que os recebem.

Mensagem de Natal

Queremos, neste Natal, poder armar uma árvore dentro de nossos corações e nela colocar, no lugar de presentes, os nomes de nossos amigos, os que vivem longe e os que vivem perto, os antigos e os mais recentes, os que vemos todos os dias e os que raramente vemos, os que sempre recordamos e os que às vezes esquecemos, os das horas difíceis e os das horas alegres, os que sem querer ferimos e os que sem querer nos feriram, os que conhecemos profundamente e os que conhecemos superficialmente, os que nos recordaram e os que recordamos, nossos amigos humildes e nossos amigos importantes, aqueles que nos ensinaram e os que se deixaram ensinar por nós, uma árvore de raízes muito profundas, para que os seus nomes nunca sejam arrancados de nossos corações. Uma árvore de folhas muito largas, para que outros nomes, vindos de todas as partes, venham a se juntar aos existentes. Uma árvore de sombra muito agradável para que nossa amizade seja um momento de repouso na luta pela vida. Que o espírito de Natal faça de cada lágrima um sorriso, da amargura a sabedoria e de cada coração uma casa aberta para receber a todos.

Autor de “Crônicas de Cidadezinha” recebe prêmio do IEV

Na noite de 25 de novembro, em Lorena, na Casa da Cultura, Francisco Máximo Ferreira Netto recebeu, por seu livro “*Crônicas de Cidadezinha*”, o **Prêmio Cultural Eugênia Sereno**, homenagem do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) a obras que retratem temas valeparaibanos.

Chico Máximo, Irmã Olga de Sá e Wanderley Sardinha com convidados, na Casa da Cultura



O evento constou de apresentações de piano, violino e violão e contou com inúmeras personalidades do Vale do Paraíba.

Chico Máximo, figura muito conhecida em Piquete, foi prestigiado com a presença de vários piquetenses, entre eles Paulo Noia de Miranda, Antônio Carlos Monteiro Chaves e Teca Gouvêa, diretores da Fundação Christiano Rosa, organizadora do livro. Também compareceram à Casa da Cultura os irmãos do autor, José Armando de Castro Ferreira e Cléa D’Amico. Chico Máximo proferiu discurso agradecendo ao IEV pelo prêmio e ressaltou a importância daquele Instituto para o Vale do Paraíba.

Na mesma noite, outro piquetense, Wanderley Sardinha, recebeu homenagem pela obra “*Diário de um Soldado Constitucionalista*”. A ocasião serviu, também, para a entrega da *Medalha de Mérito Paulo Pereira dos Reis* à Irmã Olga

de Sá, em virtude de sua atuação na Educação, e da *Distinação Cultural Paulo Camilher Florenzano* ao Museu Histórico e Pedagógico Major Novaes, de Cruzeiro, pelo trabalho em prol da memória regional.

Chico Máximo, com seu diploma, entre familiares: Ângela e José Armando de Castro Ferreira e Clélia e Adriana D’Amico



Crônicas Pitorescas

Encucados

José Palmyro Masiero

Por causa de um programa de TV – quando foi entrevistado um famoso psiquiatra –, foi que o assunto psiquiatria entrou em órbita em torno de quatro casais que domingavam lá no clube de campo.

Uma coisa entre o grupo ficou patente. Muitos ali não botavam fé nesse campo da medicina; todavia, outros discutiam sobre o assunto como se fossem íntimos de Freud, Adler e Jung.

– Esses médicos psiquiatras – dizia um descrente – fazem é a cabeça do paciente, isso sim!

– Você está redondamente enganado – retrucava um da ala crédula. – É uma terapia demorada, mas que resolve!

– O inverso daquelas pílulas antigas do doutor Ross, que eram pequeninas e também resolviam – brincou um que estava mais ligado na sua caipirinha.

Voltou o descrente:

– O cara vai lá, fala, fala, fala, o homem ouve, ouve, ouve, anota sabe-se lá o quê e no final descola aquela grana! Eu creio que a cura chega mesmo é quando o dinheiro do doente pifa!

– Você está soltando baboseira sem conhecimento de causa – bravo retornou o defensor. – Deixa-me dar-lhe umas explicações: Freud revelou o fenômeno da repressão, que chamaremos recalque. Descobriu que tudo aquilo que já vivemos e nos magoou, aquelas emoções que a gente não suportou a barra, são recalçadas para o inconsciente. Essas emoções carregam consigo suas energias e vão encontrar um caráter equivalente nos sintomas neuróticos. E mais ainda: que esses recalques, invariavelmente, estão ligados à vida sexual dos pacientes.

– Quer dizer que qualquer lelezinho aí tem problema sexual recalcado! Chega ao consultório, deita na divã, solta a língua e tá resolvido o problema do compadre!

Enquanto o descrente chutava besteira, o outro dava explicações que até ali ninguém suspeitava que ele, chefe de setor de uma indústria mecânica, estivesse por dentro.

– Essa questão de falar ao médico é científica. Freud uniu suas interpretações com a descoberta de Breuer e com a doutrina de Charcot...

– Quem são esses caras? – interromperam-no.

– Joseph Breuer foi um amigo de Freud. Ele acreditava que a cura se efetuava pela sugestão, que canalizava para as vias normais a energia desviada. Já Jean-Martin Charcot, mestre de Freud, concluiu que determinadas manifestações físicas de histeria não são necessariamente físicas em seu princípio. Podem ser psíquicas, tendo em vista que é possível provocá-las por influência mental; em outras palavras, pela hipnose. E aprendeu que quando se dava à emoção perturbada e reprimida a oportunidade de expressar-se, este simples meio bastava para descarregar a energia e eliminar o sintoma. Daí, então, o motivo do falatório que o paciente joga aos ouvidos dos médicos. Deu pra entender?

Todos estavam boquiabertos diante do fenômeno freudiano que tinham à frente. Os que não criam acharam por bem se calar por falta de argumentos definidos a um debate em que fatalmente perderiam. O assunto poderia ter-se encerrado aí não fosse uma das mulheres ali presente – que, no duro mesmo, tem a cuca mais fresca que água de riacho de selva selvagem – falar:

– Semanalmente, eu vou ao meu psiquiatra. Custou para achar um que acertasse com meu caso, mas acabei encontrando. Esse é ótimo. Sempre descobre uma desculpa para as minhas frustrações. Coisa parecida com uma confissão: a gente conta os pecados para o padre, este dá uma penitência e se sai da igreja pura e leve como uma pluma.

Aí foi o marido dela que se meteu:

– Então vá confessar todas as semanas, ora, sai muito mais barato!

– Acontece que confissão não dá status, meu bem – com lógica e dengos replicou ela.

Galinhas Pretas...

Edival da Silva Castro

Meu pai nasceu em Piquete, no Bairro dos Marins, na fazenda Chrispim, de propriedade do pai dele.

Desde menino, sempre que sobrava uma deixa, ouvia papai contar esta estória:

“Na fazenda do meu pai havia de tudo: galináceos, vacuns, suínos, caprinos e um cão rafeiro, dorminhoco, que não assustava ninguém.

A casa grande era rodeada de galinheiro, curral, silo, moedor de cana e um engenho tosco.

Num final de semana, noite escura, alta madrugada, as galinhas entraram em alvoroço. Papai pegou a espingarda de dois canos, calibre 24", e saiu rumo ao galinheiro, para ver o que estava acontecendo. As galinhas estavam todas espantadas e fora dos poleiros. Penas forravam o chão. O coitado do galo, sem saber o que fazer, cocoricava a esmo. Papai não notou nada, tampouco a falta de algumas galinhas. Porém, começou a matutar: se as galinhas entraram em gritaria, é porque existe algum bicho.

Daí pra frente, por prevenção, passou a dormir com a espingarda no sopé da cama.

Passaram-se alguns meses. De novo o galinheiro entrou em grande agitação. Desta vez, papai não saiu pela porta da sala. De posse da espingarda, abriu o janelão do quarto e, apontando para o galinheiro, com o dedo indicador no gatilho, esperou algo surgir de lá. Não deu outra: um homem encapuzado saiu em disparada, com uma galinha em cada mão. Papai gritou:

– Pára, senão atiro!

Que nada! O gatuno desapareceu mato adentro. Como advertência, foi dado um tiro pra cima. Depois desse episódio, ele teve certeza de que não se tratava de raposa, gato-do-mato ou gambá, e sim, alguém da redondeza que lhe estava roubando. Então armou uma manha para pegar o ladrão em flagra. Como o silo era quase junto ao galinheiro, passaria a pousar nele. A campanha estava montada. Teimoso, paciencioso, aguardou os acontecimentos. Até que numa calma madrugada, a bagunça no galinheiro generalizou-se outra vez. Papai esperou o meliante sair. Quando este colocou os pés na porta, a espingarda alumiu sob seu queixo. Não teve saída, o larápio estava pego. Soltas as galinhas que trazia nas mãos, e retirado o capuz, tratava-se de um rapagão vizinho de casa. Desmascarado e sem qualquer tipo de represália, papai ficou de conversar com o pai dele logo que amanhecesse o dia.

A conversa sucedeu-se.

Entre diz-que-diz-que, o rapaz abriu o jogo: – Surripiava as penas pra vendê-las à dona Tetê, macumbeira que morava numa casinhota lá no cafundó-do-judas. Galinhas pretas, ela pagava 5 réis cada.

O pai do rapaz, sitiante jeitoso, contornou a situação solicitando ao papai que colocasse preço nas quatro galinhas.

Na época, 1910, o preço foi azequenoado, um vintém por cabeça.

Papai, sempre quando contava esta estória, ficava perplexo:

– Como que o moleque pegava somente galinhas pretas, no meio de tantas, se entrava no galinheiro somente à noite?



“... Para ganhar um Ano Novo que mereça este nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo; eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente.

É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre.”

“Receita de Ano Novo”

Carlos Drummond de Andrade (1902 - 1986)

Notas da Cidade

✓ FCR em Brasília

A II Conferência Nacional do Meio Ambiente, realizada entre os dias 10 e 13 de dezembro, contou com uma delegação valeparaibana de 13 pessoas, sendo que três componentes eram de Piquete: Ana Maria de Gouvêa, da FCR, representante das ONGs, e Ilce e Regina Nunes, representantes do Setor Produtivo.

Aproveitando a estada no Distrito Federal, Teca Gouvêa reuniu-se com a Gerência Executiva do IBAMA de Brasília e dos estados de São Paulo e Minas Gerais, para discutir a passagem de um gasoduto por Piquete. A obra trará recursos para o município e seu traçado está sendo muito disputado por diversas cidades. Será necessária muita articulação para garantir esse investimento.

✓ Natal em Piquete

A Prefeitura Municipal de Piquete está promovendo, neste mês de dezembro, o **1º Natal Mágico**: ornamentou a Praça Duque de Caxias com luzes, presépios, trenós e velas estilizadas. A maior parte dos enfeites foi confeccionada com material reciclável pelos participantes do programa **Agente Jovem- do governo federal**. Além da decoração, foram programadas diversas apresentações de corais, uma feira de artesanato e um baile. Um dos destaques é a apresentação do Projeto Guri – grupo de jovens piquetenses que vêm aprendendo música por meio de um programa da Secretaria Estadual de Cultura, que se tornou referência em diversas cidades paulistas.

A IMBEL/FPV também iluminou toda a Casa 1 e a Estação Ferroviária da Estrela e seu largo. Ponto turístico de nossa cidade, a Vila da Estrela tornou-se ainda mais agradável para passeios noturnos, que podem começar na Praça Duque de Caxias.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os organizadores e convida a população a visitar os locais decorados e a prestigiar os eventos.

✓ CONSEG premia entidades

O Conselho Comunitário de Segurança de Piquete (CONSEG), sob a presidência do sr. Domigos Sávio Ribeiro, promoveu, no dia 16 de dezembro, na Câmara Municipal de Piquete, a premiação de entidades e pessoas que durante o ano de 2005 “prestaram relevantes serviços à comunidade”, num evento que contou com a presença de autoridades e diversos convidados.

O informativo da Fundação Christiano Rosa, “O ESTAFETA”, foi homenageado e recebeu a **Medalha do Mérito Comunitário**, “pelo brilhante trabalho de divulgação e resgate da memória de nossa história e de nossa gente”.

A FCR agradece o reconhecimento e parabeniza o CONSEG pela iniciativa.

✓ Festa de Santos Reis

Estará acontecendo entre os dias 5 e 8 de janeiro de 2006, em frente ao “Bar Triângulo”, a Festa de Santos Reis. A programação, coordenada por José Custóido e os festeiros Jorgina, Zilda, Benedita e Celina, consta de apresentações musicais, reza do terço, visita das Folias de Reis às casas próximas ao local, almoço e distribuição de bolo. Prestigiem!

FCR completa primeira etapa de projeto

A Fundação Christiano Rosa completou no mês de outubro a primeira etapa do projeto **“Revegetação de Áreas Ribeirinhas das Microbacias Hidrográficas do Tabuleta e Bemfica – Piquete/SP”**, que apresentou os seguintes resultados: implantação de um viveiro de mudas e espera e um curso de produção e manutenção de mudas e manejo de viveiro. Pelo interesse despertado, foi ministrado também o curso de coleta e seleção de sementes. No período foram adquiridas mudas de árvores nativas, que passaram por processo de rusticificação, para plantio na área selecionada para revegetação de mata ciliar.

O viveiro de espera e tratamento de mudas foi inaugurado com a presença de parceiros da FCR neste projeto e grande número de convidados que puderam atestar a qualidade da estrutura de aproximadamente 156m², que conta com sistema de irrigação automatizada. Para a execução desse projeto, a Fundação Christiano Rosa contratou empresas especializadas.

Curso de Viveiristas

Mais de 40 pessoas participaram de um curso de viveiristas, na sua maioria moradores das microbacias dos ribeirões Bemfica e Tabuleta, público alvo do projeto. A expectativa era de 30 pessoas. Coordenado pela engenheira Suzana Araújo, da Associação Serra Acima, o curso constou de aulas teóricas e práticas e visitas aos viveiros da CESP, em Paraibuna, e do IBAMA – Flona Lorena. Durante as visitas, o grupo foi acompanhado pelos instrutores e pôde conhecer as experiências dessas instituições quanto à seleção de sementes, plantio e formação de mudas. Também foram realizadas, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, duas palestras, proferidas pelo

Gerente do IBAMA, Eng. Evandro Gonçalves, cujo tema foram as atribuições do IBAMA nos municípios, e pelo Dr. Gilberto Cabett Junior, Promotor de Justiça de Piquete, que falou sobre o papel da Promotoria Pública no município.

Como parte desta primeira etapa, foram coletadas amostras de água dos ribeirões Tabuleta e Bemfica, a fim de se acompanhar sua qualidade. Com os resultados da análise, no período de um ano, será elaborado um relatório analítico.

Iniciou-se, também, nesta etapa, a preparação da área de plantio e a formação de um banco de dados georreferenciados, que possibilitará a identificação de áreas com necessidades de revegetação.

No mês de novembro, entrando pelo mês de dezembro, continuaram as atividades programadas, inclusive com a bióloga Diana Valeriano ministrando curso sobre Educação Ambiental. Com muita didática, Diana mostrou, com o apoio de apostilas bem elaboradas e ilustradas, a importância e as maneiras de se preservar o meio ambiente. Foi iniciada, também, a etapa de revegetação da área selecionada e disponibilizada pela Prefeitura Municipal, que servirá de modelo para futuros programas de revegetação. O projeto se estenderá por mais 1 ano e 8 meses.

O projeto **“Revegetação de Áreas Ribeirinhas das Microbacias Hidrográficas do Tabuleta e Bemfica - Piquete/SP”** foi idealizado pela FCR e tem 80% de seu custo financiados pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos, através do COFEHIDRO, Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS) e da Secretaria de Recursos Hídricos e Saneamento do Estado de São Paulo.



Estudo contra a soberba

Abigayl Lea da Silva

Uma análise dos componentes do significado dos sete pecados capitais nos surpreende pela repetição, em todos eles, do elemento principal do significado do pecado que, curiosamente, abre o elenco: a soberba – o desejo de se colocar acima de tudo e de todos.

Faça um pequeno exercício: examine a avareza, a luxúria, a ira, a gula, a inveja e a preguiça. Em todas para o mesmo sentido: eu me locupleto sem me preocupar com as conseqüências na vida do outro.

A soberba nos remete a Lúcifer, etimologicamente, o iluminado, o portador de luz.

Quando Lúcifer brada o “Non serviam”, Não servirei, um escudo o detém. É Miguel – “o poder está em Deus”.

Durante toda a História da Salvação, os acontecimentos se desenrolam de acordo com a presença ou ausência do Escudo de Miguel – Deus edificou ou não sua tenda na inteligência ou na vontade de quem é chamado a decidir.

No Paraíso Terrestre, Eva, incentivada pela serpente da soberba, morde o fruto proibido. Adão a surpreende.

Se possuísse o Escudo de Miguel, o primeiro homem a repreenderia, lançaria bem longe o que sobrara e obrigaria a mulher a vomitar o que engolira.

Adão, entretanto, ainda não havia invocado sobre si a nuvem de Deus. A costela de que surgira Eva determinara a igual condição de ambos.

Noé, Abraão, Lot, Moisés e os Profetas vão construindo pouco a pouco o Escudo de Miguel, invocando sobre os homens a tenda de Deus.

Quando Gabriel se apresenta a Maria, já não encontra resistência: a soberba não tinha poder sobre a Virgem de Nazaré.

Maria não impôs condições. Não esperou regalias pelo fato de abrigar em seu ventre o Messias esperado pelo seu povo.

Algum tempo depois, João Batista, “o maior homem nascido de mulher”, não se vangloriava de ser primo do Messias e seu arauto, mas se dizia indigno de desatar-lhe o nó das sandálias.

A maior prova de que o Escudo de Miguel estava construído entre os homens está nas tentações que Jesus sofreu no deserto: contra a serpente da soberba, Jesus não invocou o poder do Pai,

mas a letra das Escrituras.

A tenda de Deus desce sobre nós agora, no mistério do Natal.

No Presépio, não há lugar para soberba. Miguel não apregoa mais o poder de Deus, Gabriel não traz novas mensagens e Rafael, medicina de Deus, sente que o homem aprendeu o caminho da cura. E o Menino da Manjedoura, homem feito, ensinando os homens a rezar, repete, o “fiat” de Maria: “Faça-se a vontade do Senhor.”

Natal: Deus que vem

Eunice Fernandes

É prazeroso saber que Deus apareceu em nosso meio e nasceu igual a nós. Melhor, ainda, é saber que Ele vem sempre ao nosso encontro e continuamente nasce em nosso dia-a-dia. Nós O aguardamos na fé e na esperança. Mas é bom lembrar que tanto hoje como outrora Deus se manifesta contestado e mesmo repudiado. É o escândalo dos nossos dias e de todos os tempos!

O responsável por tanto ódio, tanta vio-lência, tanta injustiça e tanta desunião é o próprio ser humano que, em sua liberdade mal aproveitada, se nega a lutar contra o mal e faz oposição aos planos do seu Criador. Porém, este Pai de amor infinito nunca se cansa de voltar “no meio dos seus” e semeia em nós algo de Si mesmo: é o levedo a fermentar a massa humana e a transformá-la em pão

de justiça, de igualdade, de fraternidade, de amor e de paz.

Neste Natal, perante o novo nascimento do Cristo, somos desafiados para a difícil escolha: a fraternidade ou o egoísmo, o amor ou o ódio. Dessa escolha depende nossa felicidade ou infelicidade.

Rogo ao Deus Menino que neste Natal, sob o teto mais humilde, reluzo o fogão das panelas cheias...

Que as igrejas abram portas ao silêncio do coração; o órgão sus-surre, no cantar dos anjos, “Noite Feliz”.

Aspiro a um Natal em que a competitividade ceda lugar à solidariedade, a acumulação à partilha, a agressão ao respeito. Um Natal tão novo, que traga o renascer da esperança e da nossa capacidade de amar.



Educação: é hora do balanço geral

Laura Cristina Chaves

O final do ano chegou. Na escola, é chegada a hora de identificar os alunos reprovados. Mas só isso não basta. É preciso saber mais: quantos passaram sem saber, quantos passaram porque colaram ou porque nem sequer foram avaliados. É hora do balanço geral: se a escola é o espaço para se aprender, é necessário que responda em que medida cumpriu seu papel.

Uma criança ou jovem que vai para escola e não aprende é como um paciente que morre na fila. Mas ninguém se escandaliza com isso. A sociedade assiste, passiva, a essa matança de pacientes. Se pessoas morrem em postos ou em outra instituição qualquer de saúde, normalmente o fato vira notícia. A população revolta-se, mobiliza-se, promove passeatas. Se os médicos faltam ao trabalho, a população grita. Na educação, sabe-se que é rara a escola, pelo menos pública, em que não há falta de professores, diariamente.

Falta, portanto, à educação um pacto ético e político. Falta, antes de tudo, a definição de princípios básicos. Um desses princípios é o direito que o aluno tem de ser atendido sistematicamente e com qualidade. Esse princípio já foi rompido há muito tempo. Professores faltam e a falta passou a ser um direito seu, independente do direito do aluno de ter aula regularmente. Os alunos não aprendem e ninguém se mobiliza. O número de reprovação nem de longe reflete a real condição de aprendizagem do alunado brasileiro.

Responsabilizar o aluno pela reprovação tornou-se uma saída honrosa. Uma pesquisa feita por Simon Schwartzman e João Batista de Oliveira revela que 77% dos professores do ensino fundamental público acreditam que o desinteresse do aluno é responsável pela alta repetência. “É como dizer que o problema da saúde são as doenças”, afirmou o Prof. Julio Groppa Aquino (USP) ao tomar conhecimento dos resultados da pesquisa.

Hipoteticamente, pode-se afirmar que a opinião da sociedade não difere da opinião dos professores, tanto que permanece calada, não reage, não cobra, não fiscaliza e, principalmente, considera a reprovação e o descaso com a educação um fato comum, sem importância. É hora de mudar!